



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

<http://dx.doi.org/10.22351/nepp.v43i2.3188>

O teólogo e a teóloga como intelectuais orgânicos: construção de uma esperança ativa

The theologian as the intellectual organics:
construction of an active hope

Leonardo de Brito Aurélio*
Claudete Beise Ulrich**

Resumo

A atuação de intelectuais orgânicos na luta por um novo projeto de sociedade se faz imprescindível para sua eficaz concretização. Dada a importância de intelectuais orgânicos em superar a relação de poder-dominância nas mais diversas camadas que estruturam a sociedade, como se dará a atuação do/a teólogo/a como intelectual orgânico? Tendo em vista a opressão e a desigualdade como fruto do capitalismo globalizado e este favorecendo a hegemonia dos ricos, cujo domínio se dá por sua permanente influência política, econômica e cultural, percebe-se no/a teólogo/a, tendo como referencial da teologia da libertação, alguém capaz de enfraquecer esse poder à medida que surge para assessorar os grupos excluídos e vulneráveis, despertando-os à luz do Evangelho para a construção de um novo mundo.

Palavras-chave

Teólogo/a. Intelectual orgânico. Teologia da libertação. Religião e sociedade.

Abstract

The role of organic intellectuals in the struggle for a new project of society it is essential for its effective implementation. Given the importance of organic intellectuals in overcoming the relationship of power and domination in several layers that structure society, as will the role of the theologian as organic intellectual? Given the oppression and inequality as a result of globalized capitalism and this favoring the hegemony of the rich, whose domain is given by its permanent influence political, economic and cultural, see the theologian, with the reference of liberation theology, someone able to weaken this power as it comes to advise the excluded and

[Texto recebido em dezembro de 2017 e aceito em janeiro de 2018, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Teólogo. Graduado em Teologia pela Faculdade Unida, Vitória/ES. E-mail: leoaaurélio_es@hotmail.com

** Professora de Teologia na Graduação em Teologia e na Pós-Graduação no Mestrado Profissional em Ciências da Religião da Faculdade Unida, Vitória/ES. Pós-Doutora em História (UFSC). Doutora em Teologia (Faculdades EST). E-mail: claudetebeiseulrich@hotmail.com

vulnerable groups, awakening them in the light of the Gospel for building a new world.

Keywords

Theologian. Organic intellectual. Liberation theology. Religion and society.

Introdução

As lutas das minorias e a crítica que é feita às ideologias modernas das classes dominantes recebem um valioso auxílio do pensador italiano Antônio Gramsci (1891-1937).¹ Gramsci externa uma teoria nova do conhecimento, conseguindo recuperar no marxismo a dialética e interpretar o papel político de intelectuais. A difusão crítica de verdades já descobertas precisa ser transformada em bases de ações vitais para uma nova ordem intelectual e moral, tão necessário quanto preconizar mediante “descobertas originais” uma nova cultura.²

Para um/a teólogo/a da libertação comprometido/a com a práxis teológica, é adequado o conceito de “intelectual orgânico” ou “teólogo/a orgânico/a”,³ isto é, que está intrinsecamente comprometido/a com a luta das pessoas pobres. A reflexão deste conceito foi direcionada pela Teologia da Libertação, por haver nesta e em cada teólogo/a que a representa, uma vinculação indispensável com a base com a qual está ligada, sejam pequenos agricultores, sem-terra, sem-teto, mulheres, povos indígenas, crianças, entre outros. Este pertencimento é determinante na atuação de um/a intelectual orgânico/a, segundo Antônio Gramsci:

O erro do intelectual consiste em acreditar que se possa saber sem compreender e, principalmente, sem sentir e estar apaixonado (não só pelo

¹ Antônio Gramsci, escritor italiano nascido em 1891 na Sardenha, uma das regiões mais pobres da Itália, cresceu numa família de classe baixa e desde cedo conviveu com o fato de ter que deixar os estudos para ajudar em casa. Quando retornou à escola, destacou-se entre os demais estudantes. cursou Letras em Turim, onde ingressou no Partido Socialista Italiano (PSI) no qual teve grande atuação como jornalista escrevendo para o órgão oficial do partido e para outros órgãos socialistas da Itália. Entretanto, o PSI seguia uma linha economicista de interpretação do marxismo, combinada com uma influência positivista da qual Gramsci discordava. Através da discussão sobre uma “filosofia da práxis” desenvolvida por Giovanni Gentile - intelectual também do sul da Itália - Gramsci, inspirado na ação dos bolcheviques na Rússia, argumentava sobre as condições para o início do processo revolucionário cuja classe operária seria o ator principal. SANTOS, Jordana Souza. Gramsci e o papel dos intelectuais nos movimentos sociais. *Revista Espaço Acadêmico*, ano IX, n. 102, nov. 2009. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/7128/4819>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

² SILVA, José Santana. Intelectual orgânico: organizador, educador e dirigente político. *Revista Plurais*, v. 1, n. 1, abr. 2011. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/revistapluraisvirtual/article/view/102/166>>. Acesso em: 25 set. 2017. p. 100.

³ “[...] todo grupo social (...) cria para si (...) uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político”. GRAMSCI, Antônio. Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. In: GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere*. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 15.

saber em si, mas também pelo objeto do saber) isto é, em acreditar que o intelectual possa ser um intelectual [...] mesmo quando distinto e destacado do povo nação, ou seja, sem sentir as paixões elementares do povo, compreendendo-as e, assim, explicando-as em determinada situação histórica, bem como relacionando-as, dialeticamente às leis da história, a uma concepção do mundo superior, científico e coerentemente elaborada, que é o “saber”.⁴

A fim de elucidar o papel do/a teólogo/a como “intelectual orgânico” e a sua importância na reflexão teológica, foi utilizado no presente artigo, em seu referencial metodológico, a pesquisa bibliográfica. Seja em Gramsci ou na Teologia da Libertação, a falta de vínculo orgânico pode ofuscar a visão do/a intelectual e conseqüentemente seu engajamento e sua produção, que sempre é localizada histórica e geograficamente. Portanto, a práxis é onde se encontra os reais fundamentos de todo engajamento teológico na histórica luta das pessoas, grupos excluídos e dominados por libertação. Em tempos de neoliberalismo, os/as teólogos/as orgânicos/as propõem um caminho de esperança em meio aos crescentes desafios e conflitos.

Intelectual orgânico: identificação e representação a partir de Gramsci

A apreensão e atribuição de significado conferido à realidade, como resultado da consciência ao criar um determinado conceito, deve, sobretudo, prezar por coerência entre realidade-significado, não sendo suficiente demonstrar em suas análises o emprego de tais termos ao seu sentido apenas, mas assegurar a devida correspondência. O conceito de “intelectual orgânico”, termo criado por Antônio Gramsci, cumpre com o seguinte pressuposto, de acordo com Nildo Viana:

O conceito não é ‘inventado’ e depois aplicado a realidade que o torna necessário e se expressa através dele. A realidade é, fundamentalmente, o conjunto das relações sociais sob a qual vivemos e que cria a necessidade de comunicação dos nossos interesses e que nos constrange a expressar sob a forma de palavras estes interesses. Daí surge o conceito, que possui, portanto, uma origem social.⁵

O desenvolvimento capitalista que surge como parte do processo de produção econômica, com suas funcionalidades específicas, gera espaços originadores de grupos sociais. Neste aspecto, Gramsci aponta para o empresário que busca uma hegemonia econômica, social e política, que seja favorável aos seus interesses em adquirir confiança e credibilidade para expansão da produção de seus serviços ou produtos. “O empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o

⁴ GRAMSCI, Antônio. *Concepção dialética da história*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987. p. 139.

⁵ VIANA, Nildo. *A consciência da história: ensaios sobre o materialismo histórico-dialético*. Goiânia: Combate, 1997. p. 91.

organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc., etc.”⁶ Para organizar a massa de homens dentro da fábrica e gerar neles a consciência da própria função que exercem, bem como organizar toda a sociedade para questionar o meio de produção proposto pelo empresário, surge a figura do intelectual orgânico. O/a intelectual orgânico/a mantém-se unido/a à sua classe social e atua como porta-voz nas mais diversas camadas da sociedade, para que os objetivos da classe representada sejam alcançados.

Gramsci traz à tona o fato dos camponeses desenvolverem no mundo da produção uma função essencial, mas diferentemente dos demais grupos sociais, não geram seus próprios intelectuais orgânicos. Propondo um novo bloco histórico, o autor fundamenta uma aliança entre o campesinato e o proletariado, criando novas *superestruturas* correspondendo ao socialismo, resultando em uma substituição dos intelectuais do proletariado.⁷

Uma vez que deixa de ser hegemônica a classe que atribui existência aos intelectuais orgânicos, sendo estes históricos podem ser extintos como consequência da nova ordem em desenvolvimento, restando-lhes dois caminhos apenas: inserção na casta de intelectuais tradicionais com tendências autonomistas ou assimilação na nova classe dirigente pelos intelectuais orgânicos. Gramsci afirma:

Todo novo organismo histórico (tipo de sociedade) cria uma nova superestrutura, cujos representantes especializados e porta-vozes (os intelectuais) só podem ser concebidos como ‘novos’ intelectuais, surgidos da nova situação, e não a intelectualidade precedente.⁸

Nesta perspectiva, o processo revolucionário e contra-hegemônico deve culminar em uma nova hegemonia a partir das classes subalternas, como fruto da atuação dos intelectuais orgânicos, que segundo Marcos Del Roio, desenvolvem o papel de “educadores das massas”:⁹

De qualquer modo, fica estabelecido que é no âmbito das superestruturas que os intelectuais desempenham a sua função peculiar de organizadores da cultura, como construtores da consciência unitária e da hegemonia da classe à qual estão vinculados.¹⁰

⁶ GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 3-4.

⁷ COUTINHO, C. N. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p. 31.

⁸ GRAMSCI, 1979, p. 177.

⁹ ROIO, Marcos Del. Gramsci e a educação do educador. *Cad. CEDES*, Campinas, v. 26, n. 70, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n70/a03v2670.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

¹⁰ SILVA, 2016, p. 92.

Dentre os espaços de atuação dos intelectuais orgânicos que Gramsci menciona, vale destacar as escolas, os sindicatos e a Igreja, que servem como veículos e base para a ideologia dominante, sendo denominados de “aparelhos de hegemonia” na linguagem do filósofo francês Althusser.¹¹ Em relação à Igreja, Gramsci relembra que o cristianismo primitivo foi submetido pelo Império Romano, sendo levado a sobreviver desfavoravelmente. Nesta fase histórica, o cristianismo se revelou como força de resistência dos povos e das classes subalternas subjugadas por Roma.¹²

Observando as possibilidades de transformação social na Itália, Gramsci aponta para a Igreja Católica como podendo ser uma barreira ou eventualmente uma facilitadora para tal intento. Afirma Gramsci:

Toda religião, inclusive a católica (ou antes, notadamente a católica, precisamente pelos seus esforços de permanecer “superficialmente” unitária, a fim de não fragmentar-se em igrejas nacionais e em estratificações sociais), é na realidade uma multiplicidade de religiões distintas, frequentemente contraditórias: há um catolicismo dos camponeses, um catolicismo das mulheres e um catolicismo dos intelectuais, também este variado e desconexo.¹³

Gramsci aponta para o fato de que não há um catolicismo, mas sim vários catolicismos e desconexos entre si. Em sua análise, no entanto, o autor insiste para a necessidade de uma reforma intelectual e moral, de suma importância para o triunfo da revolução mundial, para lograr uma mudança de mentalidade nas sociedades ocidentais, que foram constituídas por convicções, critérios, normas, crenças, pautas, segundo a concepção cristã da vida.

Teólogos/as como intelectuais orgânicos/as: embates ideológicos na Igreja-religião

Gramsci considera a Igreja Católica um bloco não monolítico, devido às muitas contradições. Ele menciona os jesuítas, os modernistas e os integristas como sendo três tendências existentes, cuja origem é do século XIX:

Os integristas são a corrente mais coerente e mais orgânica: são partidários da intransigência ideológica e política, representam a aristocracia fundiária e os latifundiários. Os modernistas (que nós hoje chamaríamos de progressistas) são os movimentos católicos liberais [...] O modernismo contém duas tendências principais: 1) A político-social, que tendia trazer a Igreja de volta para as classes populares [...] favorável ao socialismo reformista e à democracia[...] e em geral, às correntes liberais; 2) A “científico-religiosa”, que sustenta uma nova atitude em relação ao ‘dogma’ e à ‘crítica histórica’ em oposição a tradição eclesíastica; portanto,

¹¹ ALTHUSSER *apud* SILVA, 2011, p. 91.

¹² GRAMSCI, 1987, p. 140

¹³ GRAMSCI, 1987, p. 144.

tendência a uma reforma intelectual da igreja”.[...] O centro que controla o aparelho eclesiástico e, especialmente, o Vaticano, é representado pelos jesuítas (embora haja, individualmente, jesuítas nas outras tendências).¹⁴

Os teólogos modernistas não são bem vistos pelo Vaticano. Percebe-se uma luta política, pois os intelectuais de tendência modernista exercem em meio às massas rurais poder de influência. Por isso, sofrem retaliações por parte da Igreja, sendo arrancados de sua base social a fim de recuperá-la. Vence o jesuitismo, mas as divergências permanecem. A Igreja sofre influências ideológicas exteriores, não sendo ela, portanto, detentora da ideologia dominante da sociedade. O jovem clero de forma espontânea há de ser atraído ideologicamente pelo modernismo, o que não poderá ser controlado eficazmente pela hierarquia.¹⁵

O contato das classes populares com os intelectuais religiosos enfraquece o poder de recuperação por parte da hierarquia. Nota-se ainda, em meio à atuação dos intelectuais responsáveis por propagar entre o povo a ideologia católica, uma tendência de se solidarizar menos com a hierarquia e mais com as classes desprivilegiadas, revelando ainda uma contradição por parte da Igreja que, ao mesmo tempo em que pretende evitar que as massas sejam apoiadas por seus intelectuais, precisam destes para canalizá-las sem, contudo, afetar sua hierarquia.¹⁶

Aprofundando sua análise da religião tendo como base a Igreja Católica, Gramsci constata que, na proibição de organizações políticas por parte do Estado, a religião se apresenta como sendo a única expressão popular quando este se torna fundamentalmente repressivo. De acordo com Faustino Teixeira:

A preocupação de Gramsci é com a função histórica que a religião tem em cada momento. Ele diz ser preciso distinguir entre “a ideologia que se baseia sobre mitos do passado e a função real que deve fazer abstração desses mitos”. Daí porque ele pode afirmar que a religião cristã “pura”, isto é, não “jesuitizada” teve e tem eventualmente uma função histórica positiva quando, enquanto concepção do mundo das classes subalternas, forneceu ou fornece a estes grupos sociais uma base ideológica para uma ação política positiva (por exemplo, a atitude progressista do cristianismo primitivo). O determinismo católico é necessário quando corresponde a um movimento popular e deve ser combatido quando leva as massas populares à passividade (é o caso do cristianismo jesuitizado, ópio do povo).¹⁷

A religião como ópio do povo sempre é uma realidade, quando uma hierarquia religiosa, seja ela qual for, estiver associada ao “imperialismo, ao neocolonialismo, à

¹⁴ GRAMSCI, 1979, p. 99-100.

¹⁵ TEIXEIRA, Faustino. *Sociologia da religião: enfoques teóricos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 24-25.

¹⁶ TEIXEIRA, 2011, p. 25-26.

¹⁷ TEIXEIRA, 2011, p. 27.

exploração dos povos e dos homens e à repressão”.¹⁸ A religião se revela como uma espécie de “remédio milagroso” ao defender os oprimidos e os explorados, mas se revela como ópio ao defender os opressores e os exploradores.¹⁹ De acordo com os grupos sociais coexistentes dentro da religião, esta não pode ser considerada “uma força conservadora nem uma força revolucionária: ela pode ser ora uma ora outra e pode inclusive ser as duas ao mesmo tempo”.²⁰ O/a teólogo/a como intelectual orgânico/a pode ser visto/a em meio a esta contrariedade religiosa e jogo ideológico, manifestando-se junto às massas o desejo e o direito à liberdade, sendo uma resistência à hierarquia, a qual tem seus intelectuais teólogos/as orgânicos/as para lhe dar constante manutenção. Em contrapartida o/a “teólogo/a orgânico/a” atuará em conjunto com as pessoas subjugadas, rumo à libertação e transformação social.

Em certas ocasiões e contextos históricos, a fé cristã aliada das classes populares em sua luta por libertação é, sem dúvida, uma fonte de engajamento. Ao contrário do que consideravam Marx e Engels a respeito da religião no século XIX, o emergir da Teologia da Libertação e de um cristianismo revolucionário, sobretudo na América Latina, fez surgir um novo olhar sobre a religião, que deixou de ser reduzida à mera intoxicadora das massas.²¹ Conforme observa o sociólogo e filósofo francês Michael Löwy:

Como Engels, Bloch distinguiu duas correntes socialmente opostas: de um lado a religião teocrática das igrejas oficiais, ópio do povo, um aparato mistificador a serviço dos poderosos; do outro, o submundo, a religião subversiva e herética dos Albigenses, dos Hussitas, de Joaquim de Fiori, Tomás Munzer, Franz von Baader, Wilhem Weitling e Leon Tolstoy. Porém ao contrário de Engels, Bloch recusou-se a ver a religião unicamente como “roupagem” acobertando interesses de classe [...] Em suas formas de protesto e rebeldes, a religião é uma das formas mais significativas de consciência *utópica*, uma das expressões mais ricas do *princípio esperança*.²²

Löwy chama atenção para o fato de que Bloch, diferentemente de Engels, viu a religião além da roupagem, levando em consideração que a religião pode ser observada como uma forma significativa de consciência utópica, isto é, a religião, quando se coloca ao lado dos empobrecidos, pode ser uma expressão muito rica do princípio da esperança. Não somente aliena, mas cria a perspectiva de uma esperança ativa, de um cristianismo encarnado na realidade social, buscando mudanças na sociedade. Se é verdade que a religião é ópio, também é verdade, segundo Löwy, partindo de aspectos e movimentos históricos revolucionários, que ela é fonte de esperança e força de engajamentos.

¹⁸ TEIXEIRA, 2011, p. 28.

¹⁹ TEIXEIRA, 2011, p. 28-29.

²⁰ TEIXEIRA, 2011, p. 30.

²¹ TEIXEIRA, 2011, p. 30.

²² LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 29.

Teólogos e teólogas como intelectuais orgânicos: perspectiva a partir da Teologia da Libertação

A Teologia da Libertação, caracterizada como teologia popular por natureza, tem como inspiração e participação os oprimidos, os quais são reconhecidamente sujeitos teológicos que corroboram e por ela são compreendidos e abraçados. A utopia de Jesus Cristo se mantém viva pela Teologia da Libertação que vê o mundo como possível morada de Deus com os seres humanos, capaz de intervir e participar na história. No confronto da fé com a injustiça praticada às pessoas pobres, de um encontro histórico impactante com Deus e de uma viva espiritualidade é de onde nasce a Teologia da Libertação.²³ Nela a pessoa pobre não se limita ao proletariado analisado por Karl Marx. Pensar isso seria um equívoco de seus críticos, ao passo que, para a Teologia da Libertação, os pobres são, conforme os irmãos Leonardo Boff e Clodovis Boff:

Os operários explorados dentro do sistema capitalista; são os subempregados, os marginalizados do sistema produtivo-exército de reserva sempre à mão para substituir os empregados – são os peões e posseiros do campo, boias-frias como mão de obra sazonal. Todo este bloco social e histórico dos oprimidos constitui o pobre como fenômeno social. A luz da fé, o cristão descobriu aí a aparição desafiante do servo sofredor Jesus Cristo. [...] O crucificado presente nos crucificados chora e grita: “Tenho fome, estou aprisionado, encontro-me nu” (cf. Mt 25.31-46).²⁴

Para vencer a situação de opressão, os pobres necessitam criar, no que tange à mudança das relações sociais, uma estratégia que seja adequada, isto é, passar juntos por um processo de conscientização, descobrir as origens de sua opressão e organizar movimentos com ações mais articuladas. Buscar equilíbrio nas relações sociais a partir de formas de vida mais dignas, mudança essa determinante para o surgimento de uma nova sociedade. O/a teólogo/a como intelectual orgânico/a, possuidor/a de uma consciência crítica, tem neste processo um papel imprescindível, sendo capaz de em conjunto com os *agentes de mudança* se libertar e promover libertação do que, o pedagogo e filósofo brasileiro Paulo Freire denomina de “consciência mágica”, ao se referir sobre o ocultamento das verdadeiras causas e do processo histórico, por indivíduos que estando neles imersos os percebem a partir do senso comum sem dele e, portanto, da condição que se encontram conseguirem se desprender.²⁵ De acordo com o pedagogo Paulo Freire:

A consciência mágica simplesmente capta os fatos, emprestando-lhes um poder superior, que a domina de fora e que tem, por isso mesmo de submeter-se com docilidade. “É próprio dessa consciência o fatalismo, que

²³ BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Como fazer teologia da libertação*. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p. 14.

²⁴ BOFF; BOFF, 2010, p. 14-15.

²⁵ BOZA, Amanda et al. *Cultura, família e sociedade*. São Paulo: Pearson, 2010. p. 48.

leva ao cruzamento dos braços à impossibilidade de poder fazer algo diante do poder dos fatos, sob os quais fica vencido o homem".²⁶

O/a teólogo/a como intelectual orgânico/a compõe neste sentido uma cadeia de intelectuais cuja tarefa é despertar os espíritos, conferindo iluminação recíproca no exercício de sua função. O/a teólogo/a recebe um *novo espírito* advindo do compromisso dialético maior na *teoria da fé e práxis da caridade*, sendo reconhecidamente este o meio de atuação da Teologia da Libertação.²⁷ De acordo com os irmãos Boff:

A Teologia é sempre um ato segundo, sendo o primeiro a "fé que opera pela caridade" (Gl 5.6). A Teologia vem depois (não o teólogo), primeiro vem a prática libertadora. Importa, pois, ter primeiro um conhecimento direto da realidade da opressão/libertação através de um engajamento desinteressado e solidário com os pobres. Esse momento pré-teológico significa realmente conversão de vida, e essa envolve uma "conversão de classe", no sentido de levar à solidariedade efetiva com os oprimidos e sua libertação.²⁸

A sensibilidade teológica é resultado direto de um genuíno contato físico. Juntar-se aos pobres é condição determinante para os/as *teólogos/as orgânicos/as* no fazer Teologia da Libertação. O interesse por libertação das pessoas oprimidas é visivelmente notado em diversos/as teólogos/as, dentre os/as quais segue abaixo alguns importantes precursores citados no livro *Como fazer teologia da libertação* dos irmãos Boff:

Teólogos como Gustavo Gutiérrez, Segundo Galilea, Juan Luis Segundo, Lucio Gera e outros do lado católico e, do lado protestante, Emílio Castro, Júlio de Santa Ana, Ruben Alves e José Miguez Bonino começaram, mediante frequentes encontros, a aprofundar as reflexões sobre a relação entre fé e pobreza, evangelho e justiça social. [...] Em março de 1964 num encontro de teólogos latino-americanos em Petrópolis (Rio de Janeiro), Gustavo Gutiérrez apresentava a teologia como reflexão crítica sobre a práxis. [...] Dentre muitos nomes com uma produção já bem diversificada enfatizamos os seguintes: E. Dussel, Juan Carlos Scannone, Severino Croato e Abdo Büntig, todos da Argentina; João Batista Libâneo, Frei Betto, Frei Carlos Mesters, José Comblin, Eduardo Hoornaert, José Oscar Beozzo, Giberto Gorgulho, Carlos Palácio, Frei Leonardo Boff, todos do Brasil; Ronaldo Muñoz, Sergio Torres e Pablo Richard, do Chile; Raúl Vidales, Luis del Valle, Arnaldo Zenteno, Camilo Maccise, Jesús García, do México; Ignacio Ellacuría, Jon Sobrino, Juan H. Pico, Uriel Molina, da América Central; Pedro Trigo e Otto Maduro (sociólogo), da Venezuela; Luís Patiño e Cecilio de LLora, da Colômbia.²⁹

²⁶ FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. p. 113-114.

²⁷ BOFF; BOFF, 2010, p. 38.

²⁸ BOFF; BOFF, 2010, p. 38.

²⁹ BOFF; BOFF, 2010, p. 97.

Esta variedade de teólogos interessados na libertação dos oprimidos de diversos países da América Latina possibilitou sólidas reflexões, servindo de embasamento na consolidação da Teologia da Libertação. É importante mencionar mesmo que os irmãos Boff não citaram mulheres teólogas, mas há muitas mulheres envolvidas nas pastorais, nos movimentos populares. As mulheres também questionam a própria teologia da libertação por ser muito generalizante, quando se refere aos oprimidos e aos pobres. Os pobres e os oprimidos têm rosto e história. As mulheres questionam a teologia patriarcal também presente na Teologia da Libertação. Dentre as quais, algumas brasileiras são pioneiras no processo de articulação e produção teológica a partir da perspectiva das mulheres. Numa entrevista de Ivone Gebara para Maria José Rosado Nunes, são citadas as seguintes teólogas da tradição cristã católica: Ivone Gebara, Ana Maria Tepedino, Delir Brunelli, Margarida Brandão, Maria Clara L. Bingemer, Maria José Rosado Nunes e Tereza Cavalcanti. Outras mulheres teólogas são dignas de reconhecimento ainda que aqui não foram mencionadas.³⁰ No entanto, há muitas teólogas da tradição protestante que criticam a razão teológica patriarcal: Ivoni Richter Reimer, Marcia Blasi, Odja Barros, Claudete Beise Ulrich, Nancy Cardoso Pereira, por exemplo.³¹

Longe de ser intelectual de gabinete, o/a teólogo/a da libertação seria antes teólogo/a militante e orgânico/a, aliado/a aos responsáveis da pastoral e ao povo de Deus em sua caminhada. A produção acadêmica em si não resume o trabalho de teólogo/a orgânico/a. Teólogo/a da libertação é intelectual orgânico/a versátil, podendo ser encontrado/a executando diversas tarefas:

Ele está ligado a uma comunidade concreta, inserido vitalmente nela. Exercendo o serviço da iluminação teológica, ele pertence à caminhada da comunidade. Você pode surpreendê-lo em um fim de semana nalguma favela, num grupo de periferia ou numa paróquia rural. Lá está ele, caminhado com o povo, falando, aprendendo, ouvindo, interrogando e sendo interrogado. Não há o teólogo puro, só teólogo, que sabe apenas teologia [...] O teólogo da libertação deve possuir em alto grau a arte da articulação: articular o discurso da sociedade, dos oprimidos, do universo das significações populares, simbólicos e sacramentais com o discurso da fé e da grande tradição.³²

Estar limitado somente ao conhecimento teológico condiciona qualquer teólogo/a do âmbito da libertação, pois pode tornar-se vítima de uma teologia não encarnada na realidade do povo. A Teologia da Libertação deve sempre ser adaptada para a

³⁰ NUNES-ROSADO, Maria José. Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 14, n.1, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n1/a16v14n1.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2017. A autora cita teólogas feministas católicas.

³¹ TOSTES, Angelica. *Teologia Feminista*. Disponível em: <<https://www.cebi.org.br/2017/09/12/o-que-e-teologia-feminista>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

³² BOFF; BOFF, 2010, p. 33-34.

coletividade orgânica e ser uma articulação de uma Igreja comprometida com a esperança, isto é, ser uma teologia do povo e para o povo.

Teólogos e teólogas orgânicos/as em tempo de neoliberalismo

As reformas neoliberais implementadas pela nova cultura podem ser definida por Geovane Semeraro como a época do capital cultural ou a era da imagem. As novas tecnologias dominadas por especialistas se apresentam como o principal meio de alcance e dominação utilizado por conglomerados internacionais, que atraem para si uma categoria crescente de intelectuais atuantes no controle do sistema, nos serviços administrativos, na mídia e na publicidade.³³ O teólogo orgânico José Comblin (1923-2011) tinha consciência de que os manipuladores de informações eram grupos fortalecidos pelas novas redes de comunicação, com a finalidade de criar valores totalitários.³⁴ No livro *A profecia na Igreja*, Comblin, apoiado em Aguiar, afirma:

Estão surgindo megaempresas sempre mais poderosas. Fundem-se para aumentar o poder. Envolvem muitas nações, o que lhe permite escapar aos controles dos Estados. Por sinal, cada vez mais os Estados são colocados a serviço das grandes empresas. Os governos figuram, mas quem mandam são as empresas. Fazem-no discretamente para não despertar a atenção dos povos. Conseguem colocar a seu serviço os meios de comunicação, que praticam uma propaganda permanente, criando a impressão de que se trata de um poder absoluto que resiste a qualquer investida. Proclamam que são capazes de estabelecer a felicidade do mundo inteiro. De qualquer maneira, afirmam que não há alternativa – a não ser a delas.³⁵

O surgimento do mercado globalizado e dos instrumentos de controle político e social do século XX manifestam algumas marcas que lhes são características: desencantamento utópico; a exacerbação de nacionalismos, fundamentalismos e individualismo. São frutos das alterações ocorridas no campo da estrutura social com influências no campo superestrutural. Dos anos 1970 em diante, a função de intelectuais, as práticas políticas e os processos produtivos sofreram significativa transformação, desencadeada pela nova fase do capitalismo. Profundas alterações na realidade cultural, política, social e econômica, fizeram com que novos elementos fossem forjados trazendo à tona um novo mundo. Observa o filósofo e teólogo Giovanni Semeraro:

O mundo do trabalho, remodelado pela informática e a microeletrônica, passou a incorporar novos conhecimentos gerando uma complexa analítica

³³ SEMERARO, Giovanni. *Gramsci e os novos embates da filosofia dá práxis*. São Paulo: Ideias e Letras, 2006. p. 141-142.

³⁴ AGUIAR, Jorge Roberto de. José Comblin: um intelectual orgânico em tempo de neoliberalismo. *Revista Paralellus*, Recife, v. 6, n. 11, abr. 2015. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/530>>. Acesso em: 25 set. 2017. p. 23.

³⁵ COMBLIN, José. *O caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 257.

simbólica que exige um preparo intelectual mais apurado dos seus operadores. Com a revolução digital e a redução dos grandes conjuntos industriais as categorias dos trabalhadores e as organizações de massa vieram se encolhendo. A velocidade e a diversificação na produção fragmentaram ainda mais os operários e conseguiram camuflar melhor as feições da dominação, desconsertando a compreensão da realidade e as formas tradicionais de lutas políticas.³⁶

Como resultado deste processo, vê-se na América Latina um considerável aumento do desemprego, da pobreza e das regiões periféricas onde multidões procuram sobreviver. Neste contexto adverso, atuam intelectuais orgânicos tendo em vista a necessidade de se contrapor aos/às *intelectuais funcionais* que atuam em prol da dominação. Deve ser notável a relevância dos/as teólogos/as orgânicos/as no mundo contemporâneo em criar uma democracia orgânica juntamente com as organizações populares, fazendo frente aos pragmáticos que representam uma minoria para a qual a sociedade é gerenciada. Diante de tais desafios, como exemplo de teólogo/a orgânico/a, assim reflete Comblin:

[...] o que há de mais característico neste continente é que os homens assimilaram a condição de vencidos. No entanto, em seu texto, a mensagem cristã é de esperança. Em sua visão, Jesus veio para os camponeses da Galileia, como sinal de esperança. [...] Comblin, como intelectual orgânico dos sobrantes, não poderia se limitar ao mundo das ideias e das palavras.[...] A compreensão do mundo dos excluídos se torna tanto maior quanto mais próximo se está das suas revoltas. Mais do que ideias fazia-se necessário para Comblin, descobrir os mecanismos de dominação e, não continuar alheio às contradições do seu tempo.³⁷

Exercendo influência na Teologia da Libertação, Comblin vincula à realidade o caminho da esperança, demonstrando que no percurso do Reino de Deus os pobres não estão abandonados, pois a *dinâmica da esperança* substitui a *dinâmica dos desejos*.³⁸ Esperança que todos/as sejam reconhecidos/as igualmente como seres humanos e, esperança de um novo mundo. Necessário se faz ir ao encontro à liberdade, fazendo avançar a história após ter encontrado o caminho. A Teologia da Libertação reconhece ser preciso ultrapassar o assistencialismo, promotor de constante dependência por parte dos pobres, ficando sujeitos às decisões e caridades dos outros, impossibilitando-os de serem sujeitos de sua própria história e, por fim, de sua libertação. Outra ação a ser ultrapassada é a do reformismo, onde a situação dos pobres tenta ser melhorada, sem, contudo, alterar na sociedade a estrutura e o modelo de relações sociais que perpetuam benefícios e privilégios às classes dominantes. Descrevem os irmãos Boff:

³⁶ SEMERARO, 2006, p. 40.

³⁷ COMBLIN *apud* AGUIAR, 2015, p. 25.

³⁸ BOFF; BOFF, 2010, p. 100.

No assistencialismo a pessoa se comove diante do quadro da miséria coletiva: procura ajudar os carentes. Em função disto organiza obras assistenciais, como pão dos pobres, campanha do cobertor, chá beneficente, Natal da periferia, fornecimento gratuito de remédios etc. Tal estratégia ajuda os indivíduos, mas faz do pobre objeto de caridade, nunca sujeito de sua própria libertação [...] Não se percebe que o pobre é um oprimido e feito pobre por outros; não se valoriza aquilo que ele tem, como força de resistência de seus direitos, de organização e de transformação de sua situação. [...] O reformismo pode desencadear grande processo de desenvolvimento [...] Houve nos últimos 20 anos um inegável desenvolvimento técnico e industrial, mas ao mesmo tempo uma degradação considerável das relações sociais com exploração, miséria e fome como jamais em nossa história. Foi o preço pago pelos pobres a este tipo de desenvolvimento elitista, explorador e excludente, no qual os ricos, nas palavras do Papa João Paulo II, ficam cada vez mais ricos à custa dos pobres, cada vez mais pobres.³⁹

Um forte pensamento sociológico no fim da década de 1960, marcada pelo modelo desenvolvimentista e pelo populismo em crise, ajudou a enxergar os reais efeitos do subdesenvolvimento. Subdesenvolvimento e desenvolvimento são os dois lados de uma única moeda. Caracterizado pelo processo de desenvolvimento, os países ocidentais nele associados potencializaram a desigualdade ao direcionar aos países centrais e já desenvolvidos os privilégios, enquanto aos historicamente periféricos, atrasados e subdesenvolvidos são tributados os malefícios.

A fim de que o “Primeiro Mundo” (Norte) tenha abundância, a pobreza precisa ir para conta dos países do “Terceiro Mundo” (Sul). Esse processo de interdependência para a engrenagem do sistema capitalista foi descortinado e percebido como principal gerador de pobreza e desigualdade. A teologia do desenvolvimento, funcionando como fermento e sal, abriu espaço para a criação das bases teóricas, geradora da Teologia da Libertação. Essa efervescência teológica impulsionou na América Latina profundas reflexões entre justiça social e evangelho, pobreza e fé, isto de ambos os lados, católico e protestante, com destaque principalmente para o ISAL: “Igreja e sociedade na América Latina”.⁴⁰ Esta instituição teve papel significativo na reflexão para uma teologia contextual, libertadora, onde a atuação do teólogo e da teóloga se mostrou como um/a assessor/a, isto é, um/a intelectual orgânico/a.

Considerações finais

O/a teólogo/a denominado de “intelectual orgânico/a” é todo/a teólogo/a que se mostra engajado/a com o povo em sua luta por libertação, sendo capaz de reconhecer os anseios dos que desejam ser livres e emancipados/as, capaz de discernir as teias

³⁹ BOFF; BOFF, 2010, p. 15-16.

⁴⁰ BITTENCOURT FILHO, José. *Caminhos do protestantismo militante: ISAL e Conferência do Nordeste*. Vitória: Unida, 2014. p. 22-23.

complexas que geraram desigualdade. O/a “teólogo/a orgânico/a” age com sabedoria e discernimento, palavra e fé. A sua organicidade está diretamente vinculada à base ou grupo que representa. A sua teologia é a teologia dá práxis, isto é, ação, reflexão, ação!

Tendo em vista o compromisso da Teologia da Libertação com as pessoas oprimidas e, a partir delas, com um novo projeto de sociedade, é notório o potencial de atuação e engajamento do/a teólogo/a como intelectual orgânico/a. O/a teólogo/a orgânico/a sente-se acolhido na caminhada com o povo de Deus e é fortificado/a ao alimentar nos que sofrem a esperança e o ideal de uma nova sociedade.

Teólogos e Teólogas como intelectuais orgânicos/as são forjadores/as de uma esperança ativa, alimentam-se de uma espiritualidade engajada na vida concreta, cotidiana daqueles e daquelas que permanecem à beira do caminho, as pessoas excluídas da sociedade. Dialoga com outras ciências para entender o momento e melhor assessorar a comunidade ou o grupo com que trabalha. O caminho vai sendo feito ao caminhar, não está pronto, mas vai sendo construído em conjunto.

Teólogos/as como intelectuais orgânicos/as não apresentam receitas ao povo, mas habilitam-se cotidianamente para a missão a qual foram chamados/as, isto é, de assessorar o povo na caminhada da libertação, da construção de uma sociedade democrática, da vida em abundância anunciada pelo Cristo em Jo 10.10. Isto significa caminhar junto, ouvindo, dialogando, assim como na caminhada de Emaús (Lucas 24.13-35), para que o povo, as pessoas mesmas, possam ir tomando consciência de sua situação de dominados/as (não pensantes) para participantes ativos, tornando-se, assim, sujeitos da história, na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e fraterna, tendo como perspectiva a criação de um novo mundo, na perspectiva do Reino de Deus, que é justiça, amor e paz, tendo em vista uma sociedade democrática e plural.

Referências

AGUIAR, Jorge Roberto de. José Comblin: um intelectual orgânico em tempo de neoliberalismo. *Revista Paralellus*, Recife, v. 6, n. 11, abr. 2015. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/530>>. Acesso em: 25 set. 2017.

BITTENCOURT FILHO, José. *Caminhos do protestantismo militante: ISAL e Conferência do Nordeste*. Vitória: Unida, 2014.

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Como fazer teologia da libertação*. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

BOZA, Amanda et al. *Cultura, família e sociedade*. São Paulo: Pearson, 2010.

COMBLIN, José. *O caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2004.

COUTINHO, C. N. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GRAMSCI, Antônio. Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. In: GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere*. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. *Concepção dialética da história*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

_____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NUNES-ROSADO, Maria José. Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 14, n.1, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n1/a16v14n1.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2017.

ROIO, Marcos Del. Gramsci e a educação do educador. *Cad. CEDES*, Campinas, v. 26, n. 70, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n70/a03v2670.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

SANTOS, Jordana Souza. Gramsci e o papel dos intelectuais nos movimentos sociais. *Revista Espaço Acadêmico*, ano IX, n. 102, nov. 2009. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/7128/4819>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

SEMERARO, Giovanni. *Gramsci e os novos embates da filosofia dá práxis*. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

SILVA, José Santana. Intelectual orgânico: organizador, educador e dirigente político. *Revista Plurais*, v. 1, n. 1, abr. 2011. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/revistapluraisvirtual/article/view/102/166>>. Acesso em: 25 set. 2017.

TEIXEIRA, Faustino. *Sociologia da religião: enfoques teóricos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

TOSTES, Angelica. *Teologia Feminista*. Disponível em: <<https://www.cebi.org.br/2017/09/12/o-que-e-teologia-feminista>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

VIANA, Nildo. *A consciência da história: ensaios sobre o materialismo histórico-dialético*. Goiânia: Combate, 1997.